

50 anos de trabalho em prol dos doentes renais

Foi nas instalações da Unihemo, no Hospital S. Francisco do Porto, que encetamos um diálogo esclarecedor sobre a história da hemodiálise em Portugal. A nossa entrevistada, a Dra. Eva Xavier relatou-nos factos que merecem ficar gravados na história da evolução dos cuidados de saúde em Portugal.



des nos hospitais de Vila Real, Bragança, Chaves e Viana do Castelo.

A hemodiálise é em grande parte dos países um programa que depende da ação do Estado, mas funciona com uma estrutura muito próxima do doente dada a necessidade deste se sujeitar a tratamento três vezes por semana. “Se os doentes têm que andar muitos quilómetros a sua vida torna-se penosa. Recordo-me de enviar várias pessoas para serem submetidas a tratamento em Espanha e em França, dado não existir em Portugal capacidade de resposta”, recorda a nossa interlocutora. Reportamos um tempo em que só o Hospital de Santo António detinha um rim artificial no norte do país e, “em Lisboa, existia apenas numa unidade privada pertencente ao Dr. Filipe Vaz”, médico transfusionista, muito vocacionado para as novas tecnologias, que adquiriu o primeiro rim artificial da capital e colocou-o a funcionar na sua clínica privada. Foi pelo arrojado Dr. Filipe Vaz que se tornou possível, em Lisboa, começar a fazer hemodiálise em doentes agudos (e mais tarde doentes crónicos) que acorriam aos hospitais públicos.

Curiosidade que merece ser divulgada, o rim artificial presente no Hospital de Santo António foi adquirido por um doente do Prof. Doutor Levi Guerra, que se deslocou a Paris para ouvir a opinião do Prof. Jean Hamburger presente no Hospital Necker onde, funcionava desde 1965. Regressado a Portugal, solicitou apoio para o tratamento ao Hospital de Santo António e disponibilizou o equipamento para tratar outras pessoas. “No dia 16 de janeiro de 1968, começámos os tratamentos, eu, o Prof. Levi Guerra e o Dr. Serafim Guimarães, depois de uma

luta intensa para termos autorização da Direção do Hospital”, indica a nossa entrevistada.

Efetivamente, o rim artificial do Hospital de Santo António (pertença da Santa Casa da Misericórdia do Porto) era tema de grande discussão no meio médico e civil. Também na mesa da Misericórdia se estabeleceu uma luta que dividia as vontades: “uns eram a favor, outros eram contra”. Tudo isto num enquadramento histórico em que, em 1955, saía do Hospital de Santo António a Faculdade de Medicina do Porto, levando consigo um grande número de profissionais diferenciados. Levanta-se então a dúvida sobre o futuro da instituição, “deveria o hospital redefinir a sua posição passando a atender as necessidades da população local ou sofreu uma evolução positiva, readquirindo todas as suas competências com a formação de novos profissionais?”. Alguns mesários defendiam que a Misericórdia não tinha capacidade económica para enveredar por um caminho de inovação e desenvolvimento tecnológico, enquanto que outros e um grupo de médicos (Dr. Albino Aroso, Dr. João de Melo, Dr. Braga da Cruz, Dr. Elísio Pimenta entre outros), encabeçados pelo neurologista Dr. Corino de Andrade, eram a favor de uma evolução tecnológica positiva.

O rim artificial foi assim a “chama” que espoletou uma série de reações: “Quem não queria que o Hospital evoluísse era contra o rim artificial”, lança a Dra. Eva Xavier. A profissional adianta que a instituição tinha em sua posse um rim artificial desde 1965, data em que a Direção Geral dos Hospitais – “por esforços do Prof. Doutor Levi Guerra e do Dr. João de Melo Soares” – comprara o equipamento, que nunca havia sido ativado por necessitar de instalações apropriadas. O primeiro rim artificial, muito mais moderno, não carecia de qualquer tipo de intervenção na estrutura do espaço, sendo ativado do dia para a noite pela Dra. Eva

Xavier, pelo Dr. Serafim Guimarães e pelo Prof. Doutor Levi Guerra – sem a autorização oficial do diretor clínico – com o intuito de salvar a vida de um doente, por acaso médico do Hospital. Este ato arrojado teve repercussões na vida da nossa interlocutora que não viu o seu contrato ser revalidado no final desse mês para o novo ano de 1959, tendo estado “três dias impedida de entrar no Hospital de Santo António”. “Na noite em que o rim artificial iniciou o seu funcionamento, tomei conhecimento que se faziam apostas na cidade sobre a operacionalidade do dispositivo”, confidencia-nos. Foi dentro do Serviço de Medicina I, dirigido pelo notável médico internista Dr. João de Melo Soares, que entra em funcionamento a unidade do rim artificial. Só em 1975 nasce o Serviço de Nefrologia no Hospital de Santo António.

Convém esclarecer que Portugal era nas décadas de 60 e 70 um país pobre, com distâncias agudizadas pela fraca rede viária que cobria o território, principalmente as regiões do interior. A diálise, apesar de presente pontualmente em Lisboa e Porto, era um tratamento que começava a ser conhecido entre os doentes, muito por influência dos imigrantes que usufruíam desse tratamento nos países de acolhimento. Este conhecimento levou a que muitos portugueses comessem a procurar tratamento fora do país, mas viam-se depois impedidos de regressar por falta de seguimento em Portugal. “Vi morrer muita gente por falta de condições de tratamento”, recorda

“Como médica o meu dever é tratar os doentes e criar condições para que eles sejam bem tratados, ainda hoje trabalho para isso”



com pesar a médica especialista em Nefrologia e Medicina Interna.

Na década de 70, já existia o rim artificial no Hospital de Santo António e em 1975 surge no Hospital de São João. Era fraca a capacidade de resposta perante o volume de casuística, apesar de a Fundação Gulbenkian ter oferecido mais cinco novos rins artificiais de modelo atualizado. Urgia uma mudança de paradigma na estruturação da assistência prestada aos doentes renais, algo que veio a ser impulsionado por outros eventos. Um deles foi o facto de o Dr. Albino Aroso assumir o cargo de Secretário de Estado da Saúde, em 1978, numa época em que os jornais noticiavam o volume de doentes portugueses encaminhados para unidades de diálise em Espanha e França em viagens custeadas pelo Estado. Sabedor desta realidade, o então Secretário de Estado da Saúde cria um grupo de trabalho, que não chegou a ter grande atividade por contingências políticas. Em 1980, com a entrada da Dra. Leonor Beza para o Ministério da Saúde, o processo tem continuidade sendo convocados os responsáveis pelos Serviços de Nefrologia do norte, centro e sul do país. Foi então nomeada a Comissão Nacional de Diálise e Transplantação, “que funcionava adstrita ao gabinete da ministra”, à qual foi dado o prazo de um ano para apresentar o levantamento das necessidades do país e uma proposta de solução para o problema. A Comissão tinha por cada região (norte, centro e sul)

um representante de Nefrologia, um representante da equipa cirúrgica de Urologia e um representante da Histocompatibilidade. O norte foi representado pela Dra. Eva Xavier, pelo Dr. Manso Preto, diretor do Serviço de Urologia do Hospital de São João e pelo Dr. Armando Mendes, da área da Histocompatibilidade. A Comissão era presidida por um representante direto da ministra, o Dr. Rodrigues Pena, cirurgião dos Hospitais Cívicos de Lisboa, que mais tarde liderou a equipa de transplantação renal. Nesse ano, foram diligenciadas visitas ao longo de todo o país. Os elementos responsáveis pela região norte foram aos vários hospitais regionais falar com os seus responsáveis, perceber as suas necessidades e apresentar a proposta de instalação de unidades de diálise enquadradas nos serviços de Medicina, com o apoio do Hospital central de retaguarda (às necessidades da área Metropolitana do Porto e Trás-os-Montes e Alto Douro respondia o Hospital de Santo António, aos distritos de Braga e Viana do Castelo atendia o Hospital de São João). O relatório apresentado em 1981 foi analisado e aprovado com indicação de execução, competindo depois aos membros da Comissão coordenar a aplicação da proposta. Encetados inúmeros esforços, em 1982 abre a unidade de do Hospital de Vila Real, seguida em 1983 da unidade no Hospital de Bragança e, em 1987, são inauguradas as unidades do Hospital de Viana do Castelo e do Hospital de

“O Serviço de Nefrologia do Hospital de Santo António foi – e continua a ser – um modelo a nível nacional na descentralização da diálise”

Chaves. Apenas Braga não abriu por falta de condições físicas do edifício hospitalar, sendo mais tarde servida por uma unidade privada e, atualmente, com uma unidade no novo Hospital.

A esta Comissão, composta por médicos da especialidade, se deve o esforço de criação deste plano. Uma vez conseguida a adesão dos hospitais regionais, estes profissionais tiveram que garantir a formação no hospital central, da equipa médica e de enfermagem locais e, aberta a unidade, os médicos do Serviço de retaguarda prestaram apoio presencial durante muitos meses. Conseguiu-se assim minorar o esforço que os doentes faziam com deslocações constantes ao Porto. A Dra. Eva Xavier chegou a enfrentar as estradas de Trás-os-Montes ao Porto, sentindo os perigos a que os doentes se submetiam para cumprirem os tratamentos. Olhando para todos os esforços feitos na criação de condições de atendimento às necessidades destes doentes, é com alguma mágoa que recorda os momentos em que lhe foi apontado o dedo

por assumir funções no serviço nacional de saúde a par do exercício em clínica privada. Porém, sente que cumpriu a sua missão durante a sua carreira hospitalar. “Como médica o meu dever é tratar os doentes e criar condições para que eles sejam bem tratados, ainda hoje trabalho para isso”, reforça.

Unihemo

Paralelamente aos acontecimentos históricos relatados, a Dra. Eva Xavier solicitou ao Dr. Elísio Pimenta, enquanto Provedor da Ordem Terceira de São Francisco do Porto, um espaço para abrir uma Unidade de Hemodiálise. A 1 de agosto de 1979 a nefrologista abre no Hospital S. Francisco a primeira unidade privada (hoje Unihemo, Unidade de Hemodiálise do Porto) a surgir no norte do país e que ainda hoje conta com a sua presença e acompanhamento diário.

50 anos passados desde o início da luta pela melhoria da assistência aos doentes renais, a nossa interlocutora depara-se com uma realidade totalmente diferente. Hoje a maioria das unidades de hemodiálise são privadas, tendo sempre como retaguarda um centro hospitalar, aliança que defende. “Os cuidados de saúde privados têm que ser complementares ao Sistema Nacional de Saúde. A especialidade de Nefrologia é altamente exigente e é essencial que estes médicos tenham onde exercer a sua atividade. Atualmente, a maioria dos nefrologistas que não trabalha no SNS encontra vaga no sistema privado”, defende a Dra. Eva Xavier.

A Unihemo está também presente desde 1991 em Ponta da Barca no Hospital da Santa Casa da Misericórdia local.



Unihemo - Unidade de Hemodiálise do Porto, Lda.

Rua da Bolsa, nº 7 • 4050-116 Porto
Tel. 222 062 124

Praça da República • 4980-619 Ponte da Barca
Tel. 258 455 967